

Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo*

ANA PAULA SANTOS**

Doutoranda em Sociologia
na Universidade de Salamanca

Resumen

El movimiento evangélico gitano, de orientación pentecostal, se originó en Francia, se diseminó por España en la década de 60 y entró en Portugal desde 1970. La sociedad industrial ha confrontado al pueblo gitano con graves problemas, privándolo de sus negocios tradicionales y amenazando gravemente su cohesión social. La nueva fe se distingue por haber sido adoptada espontáneamente, por ser compatible con la cultura gitana tradicional y por llenar el vacío de autoridad de que la comunidad se resentía. En particular resulta ser un instrumento eficaz contra la toxicomanía.

Palabras clave: Gitanos, pentecostalismo, Portugal.

Résumé

Le mouvement évangélique parmi les gitans, d'orientation pentecôtiste, venu de France, s'est répandu en Espagne dans les années soixante et est installé au Portugal depuis 1970. La société industrielle a mis les gitans devant de graves problèmes, parce qu'elle les privait de leurs négoce traditionnels et menaçait sérieusement leur cohésion sociale. La foi nouvelle est caractérisée par la spontanéité avec laquelle les adeptes l'ont adoptée et par sa compatibilité avec la culture gitane traditionnelle. En plus la foi est une arme très efficace dans la lutte contre la toxomanie.

Mots clés: Gitans, pentecôtisme, Portugal.

* Fecha de recepción: 30-enero-2001.

** Sítio do Parasco, 6250 Caria (Portugal). Tel. 351/275476521.

Introdução

A introdução do pentecostalismo, na comunidade cigana portuguesa, data da década de 70. Entrando pela fronteira espanhola, este movimento evangélico cigano, que tem a sua origem na Bretanha (França), expande-se rapidamente sobre todo o território. Hoje, a Igreja Evangélica de Filadélfia, nome que toma o movimento português, está presente de norte a sul de Portugal. As comunidades ciganas que se converteram ao pentecostalismo conheceram profundas mudanças socioculturais. O culto evangélico exige dessas comunidades uma dedicação permanente, não se limitando apenas aos momentos do culto em si, mas entrando e tomando conta do seu quotidiano.

Este fenómeno é bastante surpreendente quando se sabe que em Portugal os ciganos, que vivem desde sempre fechados sobre eles mesmos, à margem da sociedade envolvente, regem-se pelos seus próprios costumes e tradições ancestrais. Isto não significa porém que essa etnia tenha vivido estaticamente; pelo contrário, a sua extraordinária capacidade de se adaptar às mudanças da sociedade dominante permitiu-lhes preservar a sua autonomia. Todavia, o ritmo acelerado das mudanças, que caracteriza a modernidade, afectou-os profundamente. A situação de extrema pobreza, sobretudo nos centros urbanos, a droga e a violência conduziram-nos a uma grave crise de identidade. A sua conversão ao pentecostalismo pode significar um renascer de um sentimento de pertença a um grupo, através da ideia de povo eleito, ligado ao discurso religioso, mas igualmente através de um sentimento de solidariedade, reforçado pela participação nos cultos.

Este novo compromisso religioso dos ciganos, convertidos ao pentecostalismo, que tem um impacto tão decisivo sobre a sua cultura e organização social, não podia deixar de me chamar a atenção. Apresento aqui algumas considerações sobre o caso português.

A comunidade cigana portuguesa

A presença dos ciganos em Portugal parece remontar ao século XVI¹. Entraram provavelmente pela fronteira da Estremadura espanhola² (Coelho, 1995). Se, num primeiro tempo, os ciganos tinham sido bem recebido noutros países, entram em Portugal precedidos pela sua má reputação de ladrões, mentirosos e maus cristãos, o que se traduzirá, ao longo dos séculos, por sucessivas interdições de entrar, perseguições e até massacres. Desenvolveram conseqüentemente um forte nomadismo, que se atenuou, porém, nestas últimas décadas. O sedentarismo parece ser actualmente a nota dominante entre as comunidades ciganas portuguesas.

1 V. NUNES, O.: *O povo cigano*. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1981; CASTRO, A.: «Os ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação», in *Sociologia – problemas e práticas*, nº 17, Lisboa, ISTE, 1995, pp. 97-111; COSTA, M.E. Lopes: *Os ciganos – fontes bibliográficas em Portugal*, Madrid, Editorial Presencia Gitana, 1995.

2 V. COELHO, A.: *Os ciganos de Portugal*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

A constante marginalização deste povo pela população local (e pelo poder central) contribui para que os ciganos se tenham fechados sobre si mesmos, tentando preservar-se das influências exteriores, através da endogamia, por exemplo, e tenham conservado tradições e costumes ancestrais. Não foram, no entanto, herméticos à cultura dos «payos» (termo que utilizam para designar os não ciganos), o que permite explicar a variedade cultural entre as comunidades ciganas, formando, segundo um grande ciganólogo francês, Jean-Pierre Liégeois³, «um mosaico em movimento de pequenos grupos diversificados, cuja configuração muda constantemente. Nada é portanto generalizável em matéria de organização familiar, socio-política, cultural, económica e religiosa.» A etnia cigana não é, de modo algum, uma etnia «congelada», imóvel, que se reproduz idêntica a ela mesma; pelo contrário, revela um grande dinamismo.

Os ciganos não escaparam às profundas transformações que afectaram o mundo, estas últimas décadas. Enquanto grupo minoritário, ainda mais se sujeitam aos dinamismos sociais que lhes são culturalmente externos, não sendo isentos da sua própria dinâmica. A modernidade –em Portugal (é sobretudo depois do 25 de Abril de 1974 que seus efeitos se fazem sentir, momento em que realmente se inicia a modernização do país⁴– foi particularmente ressentida pelos ciganos. Conheceram, durante estas últimas três décadas, mudanças profundas nos seus costumes, modos de vida e estruturas familiares, demográficas e sociais básicas. Foram afectados, entre outros factores, pelo êxodo rural, a desertificação do interior, a urbanização e o desenvolvimento tecnológico. As consequências foram múltiplas e fizeram-se sentir em muitas áreas da sua vida.

Com a mecanização da agricultura, as suas actividades como vendedores de equídeos e artesanato ou como trabalhadores sazonais, na agricultura, tornam-se impraticáveis. O êxodo rural e a desertificação do interior do país, onde se encontram maioritariamente, empurram-nos para as grandes cidades, atrás da sua clientela, o que lhes coloca graves problemas: a concorrência económica, o mau conhecimento do meio, a falta de oportunidade para iletrados, o encarecimento e a falta de alojamento, que os obriga a instalar-se nos subúrbios, em péssimas condições de salubridade.

As consequências para a etnia cigana são múltiplas, chegando a ameaçar a sua própria sobrevivência. O impacto da sociedade industrial é cada vez mais absorvente, produzindo transformações que obrigam os ciganos a iniciar mudanças rápidas e, em muitos domínios, a uma revisão de regras, bloqueadas entre a tradição e a evolução das jovens gerações. Entre outras consequências, assiste-se a uma diminuição da coesão social que, por sua vez, está na origem da multiplicação de antagonismos internos e, face ao exterior, do aumento dos actos delituosos⁵ (Liégeois, 1989).

3 *Minoría y escolaridad: el paradigma gitano*. Madrid, Editorial Presencia Gitana, 1998, p. 15.

4 V. MACHADO, F.L. e COSTA, A.F. da: «Processos de uma modernidade inacabada», in VIEGAS, J.M. Leite e COSTA, A.F. da (orgs.): *Portugal, que modernidade?* Oeiras, Celta Editora, 1998.

5 V. LIÉGEOIS, op. cit.

O processo de sedentarização⁶, a redução do espaço, entendido como campo de acção, a convivência entre vários clãs num mesmo local⁷, têm vindo a afectá-los e traduzem-se no aumento dos conflitos, já de si frequentes entre as famílias ciganas. Mas é sobretudo na sua resolução que reside o problema. No interior do país, havia suficientemente espaço para separar os conflituosos. Delimitavam-se territórios, «contrários», intransponíveis para cada uma das partes, evitando-se assim confrontos directos. A separação geográfica, estratégia para separar os conflituosos, tornou-se impraticável nas grandes cidades, resultando um problema grave para um povo orgulhoso, com um código de honra rígido e tradições cujo desrespeito é uma ofensa para os outros membros do grupo.

Além disso os ciganos experimentam, nas áreas suburbanas, uma maior proximidade com os não-ciganos. O desenvolvimento tecnológico, sobretudo ao nível das telecomunicações, é responsável pela divulgação, no seio das comunidades ciganas, de valores, modelos e estilos de vida diferentes dos deles. Tal como a sociedade portuguesa, os ciganos não escapam ao processo de padronização de estilo de vida, processo característico da modernidade. Não só, com a sua chegada às cidades, os ciganos tiveram de adoptar novos modos de vida, como estes se vão aproximando aos modos de vida da sociedade dominante.

As jovens gerações, que se adaptam mais facilmente, começam a pôr em causa a autoridade tradicional e a experiência acumulada, que já não os ajudam a ultrapassar as situações difíceis e já não lhes propõem soluções viáveis para enfrentar os problemas. Entrando directamente nas suas casas, através da televisão, a cultura dos não ciganos atrai-os, propondo-lhes novos estilos e modos de vida. Estas mudanças são particularmente difíceis para os homens. A frustração é grande: o seu prestígio e autoridade estão ameaçados. «O conjunto das tradições e dos valores que sustentava o seu sentimento de identidade e o seu amor próprio desintegram, sem que outros valores, que por sua vez ofereceriam referência, venham substituí-los⁸.» As reacções a esta situação são variadas. Muitos refugiam-se no álcool ou na droga. Além disso, para aumentar os escassos rendimentos, grande número de ciganos lançou-se no tráfico de droga. As consequências

6 A importância de uma morada fixa é cada vez mais premente entre os ciganos. Dada a inexistência de uma legislação sobre os possíveis locais de estabelecimento para as populações nómadas e as pressões que sofrem das autoridades, ter uma morada (ainda que provisória) parece assumir uma importância fundamental (V. CASTRO, A.: «Os ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação», in *Sociologia – problemas e práticas*, nº 17, Lisboa, ISTE, 1995, pp. 97-111).

7 Para Ardèvol, um dos factores que mais contribui para a desestruturação do sistema social da comunidade cigana é a concentração, num mesmo local e de forma artificial, de distintas linhagens, cujos indivíduos não se conheciam entre si, e a concorrência entre distintas facções pelos recursos sociais. V. ARDÈVOL, E.: «Vigencia y cambio en la cultura de los gitanos», in SAN ROMÁN (ed.): *Entre la marginación y el racismo – reflexiones sobre la vida de los gitanos*. Madrid, Alianza Editorial, 1994.

8 WANG, K.: «Le mouvement pentecôtiste chez les gitans espagnols», in WILLIAMS, P. (org.): *Tsiganes: identité, évolution*, Paris, Éditions Syros, 1989, p. 427.

foram múltiplas: aumentos da violência, desestruturações de famílias e de comunidades, alto índice de encarceramento nas prisões.

É neste contexto que surge, no seio das comunidades ciganas, um novo fenómeno. Trata-se do movimento evangélico cigano, de origem pentecostal, que parece representar um modo de adaptação a estas novas condições de vida.

A religiosidade cigana: um novo compromisso religioso

Segundo Nunes⁹ o povo cigano adaptou, até aqui, as suas crenças às religiões dos países que os recebiam. Encontram, por isso, ciganos católicos, protestantes, ortodoxos ou muçulmanos, segundo o países onde se instalaram. Há, no entanto, um certo eclectismo nas crenças e práticas religiosas dos ciganos¹⁰. A fé dos ciganos acomodou-se, guardando porém certos elementos da sua cosmologia e visão do mundo. Em Portugal são maioritariamente católicos até aos anos 70, até adoptarem as crenças e as práticas do movimento evangélico cigano, que se traduzirá na criação da Igreja Evangélica de Filadélfia de Portugal. O nome Filadélfia refere-se a uma das sete igrejas do livro do Apocalipse.

A Igreja Evangélica de Filadélfia de Portugal

Este novo e poderoso movimento religioso, criado em França nos anos 50 por Clément Le Cossec, um não cigano, pastor da Assembleia de Deus de Brest, e que consagrou a sua vida à evangelização do povo cigano¹¹, obtém imediatamente um sucesso considerável, expandido-se inicialmente pela França toda, pela Espanha, nos anos 60, chegando finalmente a Portugal, uma década depois. A Igreja Evangélica de Filadélfia é uma igreja pentecostal e carismática, baseada numa fé simples e directa, adaptando-se perfeitamente a grupos intensamente devotos, sem grandes interesses teológicos ou doutrinas complexas, sendo, pelo contrário, uma fé que é vivida no dia a dia (Gamella, 1996).

– *Pentecotista* porque valoriza a presença do Espírito Santo, a importância da Bíblia (a sua leitura e interpretação) e o baptismo dos adultos no Espírito Santo (por imersão nas águas, como o receberam os apóstolos, no dia de Pentecostes).

– *Carismática* porque dá grande importância aos dons: glossolalia, cura e profecia, como sinais de benção.

9 Op. cit.

10 V. FRASER, A.: *História do povo cigano*. Lisboa, Editorial Teorema, 1997.

11 V. LIÉGEOIS, J.-P.: Op. cit.; GLIZE, R.: «L'église évangélique tzigane comme voie possible d'un engagement culturel nouveau», in WILLIAMS, P. (org.): *Tsiganes: identité, évolution*, Paris, Éditions Syros, 1989, pp. 433-443; WANG, K.: Op. cit.

A liturgia é aberta e apresenta alguns elementos de improvisação. Embora a prática religiosa não seja totalmente definida, reencontram-se alguns momentos rituais em todos os cultos: tempos de cânticos, de oração e de pregação. Essa flexibilidade nos rituais permitiu aos ciganos adaptá-los às suas necessidades e sensibilidades. Os cultos, quase exclusivamente frequentados por ciganos, impressionam pela força das suas convicções e pela sinceridade do seu entusiasmo.

A organização desta Igreja é relativamente simples. Organizada a partir de congregações locais, sob a responsabilidade de um pastor cigano, baseia-se num princípio de proselitismo de grande sucesso. As congregações são autónomas, embora reunidas pela mesma fé e por uma hierarquia comum. Esta última compõe-se por um simples conselho de administração: um presidente, um secretário e quatro responsáveis de zona (Lisboa, norte e centro, Alentejo e Algarve), eleitos, todos os anos, pelo pastores da Igreja. A este conselho participam igualmente, a título permanente, os anciãos, ou seja, pastores que pela sua idade já não administram nenhuma Igreja. É o caso do pastor Quim, primeiro pastor cigano português.

Além dos cultos semanais (podendo ser até quatro), existem «campanhas regionais» (cultos alargados) mensais e a «campanha nacional». Interessados vivamente ao problema da toxicod dependência, os responsáveis organizam frequentemente «encontros de prevenção», onde os crentes são chamados a dar o seu «testemunho», afim de convencer sobretudo os jovens, a não consumir drogas. Cada congregação local considera-se independente e vê o seu pastor como um guia ou líder carismático que recebeu o seu dom do Espírito Santo. Ela é que sustém as despesas com o local de culto, assim como as do pastor e sua família.

Causas do seu sucesso

Trata-se, antes de mais, de uma congregação religiosa dos ciganos para os ciganos, ou seja, de um movimento alternativo, independente das autoridades e do poder público. A filiação evangélica torna-se assim uma característica étnica de primeira importância e uma forma de resistência à assimilação e à dominação ideológico-cultural da maioria. É ressentida como uma forma de resistência e de luta, na busca de soluções às transformações e desagregação pela qual está a passar a etnia cigana, quanto ao seu modo de vida, valores e costumes.

Além disso, o paralelismo que eles fazem, com bom grado, entre certos episódios bíblicos e certas tradições ciganas, permite-lhes acreditar que são, na realidade, uma das tribos perdidas de Israel e que foram eleitos por Deus para ser os mensageiros modernos da Boa Nova¹². Este sentimento revivalista e milenarista pode representar uma resposta

12 WANG, K.: Op. cit., p. 428.

às situações de confusão, à perda de sentido e à miséria nas quais vivem actualmente os ciganos e que torna possível, além disso, a manutenção da maioria das suas formas de vida tradicionais.

Finalmente, os cultos atraem-nos particularmente por serem muito expressivos, possuindo rituais simples, directos e de grande impacto. Além de que são eles próprios os protagonistas do culto: eles são os seus líderes e a sua autoridade (os pastores são todos ciganos).

As mudanças: um novo compromisso cultural

As comunidades ciganas portuguesas, convertidas à Igreja Evangélica de Filadélfia, apresentam significativas mudanças socioculturais. Pode, inclusivamente, afirmar-se que o fenómeno tem afectado, lenta mas profundamente, o seu modo de ver, conceber e compreender o mundo. O impacto social e cultural do pentecostalismo é considerável e pode ser concebido como um importante elemento de renovação e transformação cultural.

Percebida como uma instituição que não lhes foi imposta, mas antes como uma instituição que lhes pertence, administrada por eles próprios, os ciganos convertidos facilmente adoptam as regras ditadas pela Igreja: viver segundo os mandamentos da Bíblia. Na prática, trata-se de uma moral exigente que lhes impõe regras rígidas (sobretudo aos que aceitam o baptismo). Pedem-lhes que não bebam álcool, não usem drogas, nem armas. Rejeitam-se hábitos pouco salutareos como o roubo, o jogo, o tabaco, o adultério e, sobretudo, a violência. Além dessas regras, as mulheres que se baptizam têm umas quantas que lhes são especialmente dirigidas: devem usar apenas saias compridas, as blusas têm de ter mangas, devem ser sempre comedidas, sobretudo durante as festas (não podem dançar, por exemplo).

Os ciganos convertidos devem participar nos cultos o maior número possível de vezes e, sobretudo, transpor para a vida quotidiana o que aí lhes foi dito. Também é sua missão tentar converter pessoas com as quais contactem: o proselitismo da Igreja é directo e de grande sucesso. Uma das maiores consequências da introdução da Igreja no seio da comunidade cigana, apontada pelos próprios ciganos, é a sua capacidade em ajudá-los a afastar a droga. A toxicoddependência tem-se revelado um dos maiores flagelos, afectando principalmente os homens, mas sobretudo os jovens (elemento vital à sobrevivência da etnia). A Igreja, que possui um centro de desintoxicação no Porto, tem contribuído à recuperação de muitos ciganos (uma percentagem elevada de pastores são ex-toxicoddependentes) e é um importante elemento de prevenção junto à jovem geração.

A Igreja tem igualmente actuado ao nível das famílias, base de toda a cultura cigana e que têm conhecido problemas de desintegração, devido à droga, álcool, miséria e perda de autoridade paternal, até porque o seu desenvolvimento é fundamentalmente baseado em redes familiares. É, antes de mais, a pertença a uma rede familiar que está na origem

da conversão. A necessidade de coesão familiar é fundamental e tem-se traduzido na conversão de todos os membros do grupo. A solidariedade intraétnica tem igualmente vindo a aumentar para além das divisões familiares. O movimento pentecotista é percebido pelos ciganos convertidos como o factor de unificação que faltava, tornando-se um elemento de identidade étnica. Este novo compromisso religioso parece, portanto, permitir-lhes garantir a reprodução social e reforçar a coesão do grupo. Assim, a resolução de muitos dos problemas que enfrentam tem contribuindo para o sucesso da Igreja.

Quanto à Igreja Evangélica de Filadélfia, se é verdade que ela tem a sua origem num movimento evangélico mais vasto, teve igualmente que se adaptar à cultura cigana. Isto é particularmente visível ao nível das práticas religiosas, durante as quais os fiéis exprimem categoricamente o seu desejo de permanecer ciganos. Que este novo compromisso, assumido por grande número de ciganos portugueses, seja portador de um novo compromisso cultural, parece bem visível. No entanto, este duplo fenómeno não significa rejeição da cultura cigana; pelo contrário, o desejo de ser cigano persiste e, de certo modo, de forma bem determinada. Embora culturalmente tenham mudado, esta Igreja evangélica permite-lhes largamente a manutenção da identidade cigana.

Como conclusão

Neste fim de século (e de milénio), as grandes transformações que se registam na sociedade afectaram particularmente a vida dos ciganos e, por conseguinte, provocaram alterações nos seus modos de vida, nem sempre de modo positivo, ameaçando directamente as suas tradições seculares. Segundo Liégeois¹³, hoje os ciganos já não são donos dos seus actos: já não agem, mas reagem ao seu novo meio. Neste novo contexto, ao qual é necessário acrescentar uma conjuntura económica difícil, duas formas de adaptação surgiram simultaneamente: uma religiosa, com o movimento de Pentecostes, e outra socio-política, com organizações ou associações ciganas que se formam um pouco por todo o mundo. Estes dois fenómenos têm funcionado como dois importantes factores de coesão social, entre os diferentes grupos ciganos.

Bibliografia

- ALMEIDA, F. Resina de (ed.): *Prontuário evangélico para 1999*. Queluz, Núcleo, 1998.
- ARDÈVOL, E.: «Vigencia y cambio en la cultura de los gitanos», in SAN ROMÁN (ed.): *Entre la marginación y el racismo – reflexiones sobre la vida de los gitanos*. Madrid, Alianza Editorial, 1994.

13 Op. cit.

- BASTIAN, J.-P.: *Protestantismos y modernidad latinoamericana*. México, Fondos de Cultura Económica, 1994.
- BASTOS, J.G. Pereira e BASTOS, S. Pereira: *Portugal multicultural*. Lisboa, Fim de Século Edições, 1999.
- CALDAS, H. dos Prazeres: *Estudo da população cigana do distrito de Lisboa: escolarização da criança cigana*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1990.
- CASTRO, A.: «Os ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação», in *Sociologia – problemas e práticas*, nº 17, Lisboa, ISTE, 1995, pp. 97-111.
- COELHO, A.: *Os ciganos de Portugal*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.
- CORTEN, A.: *Le pentecôtisme au Brésil. Émotion du pauvre et romantisme théologique*, Paris, Édition Karthala, 1995.
- CORTESÃO, L. e PINTO, F. (orgs.): *O povo cigano: cidadãos na sombra. Processos explícitos e ocultos de exclusão*. Porto, Edições Afrontamento, 1995.
- COSTA, M.E. Lopes: *Os ciganos. Fontes bibliográficas em Portugal*. Madrid, Editorial Presencia Gitana, 1995.
- COSTA, M.E. Lopes: *O povo cigano em Portugal: da história à escola. Um caleidoscópio de informações*. Setúbal, CIOE/ESSE, 1996.
- ENGUIITA, M. Fernández: «Escola e etnicidade: o caso dos ciganos», in *Educação, Sociedade e Culturas*, 1996, nº 6, pp. 5-22.
- FRASER, A.: *História do povo cigano*. Lisboa, Editorial Teorema, 1997.
- GALINDO, F.: *El fenómeno de las «sectas» fundamentalistas: la conquista evangélica de América Latina*. Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 1994.
- GAMELLA, J.: *La población gitana en Andalucía*. Sevilla, Junta de Andalucía, 1996.
- GARCÍA BIEDMA, J.: «Iglesia Evangélica Filadelfia», in GARCÍA HERNANDO, J. (org.): *Pluralismo religioso en España, I. Confesiones cristianas*. Madrid, Sociedad de Educación Atenas, 1992.
- GARCÍA HERNANDO, J.: «El fenómeno de las sectas», in GARCÍA HERNANDO, J. (org.): *Pluralismo religioso II. Sectas y nuevos movimientos religiosos*. Madrid, Sociedad de Educación Atenas, 1993.
- GIDDENS, A.: *Sociología*. Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- GIDDENS, A.: *As consequências da modernidade*. Oeiras, Celta Editorial, 1992.
- GLIZE, R.: «L'église évangélique tzigane comme voie possible d'un engagement culturel nouveau», in WILLIAMS, P. (org.): *Tsiganes: identité, évolution*. Paris, Éditions Syros, 1989, pp. 433-443.
- GUERRA GÓMEZ, M. (org.): *Los nuevos movimientos religiosos (las sectas)*, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1993.
- LIÉGEOIS, J.-P.: «Naissance du pouvoir tzigane», in *Revue Française de Sociologie*, 16, 1975, pp. 295-316.
- LIÉGEOIS, J.-P.: *Ciganos e itinerantes: dados sócio-culturais, dados sócio-políticos*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1989.

- LIÉGEOIS, J.-P.: *Minoría y escolaridad: el paradigma gitano*. Madrid, Editorial Presencia Gitana, 1998.
- MACHADO, P.: «Reflexões a propósito da minoria étnica em Portugal: aproximação sociológica sobre uma identidade desconhecida», in *Do serviço social*, nº 4, Lisboa, 1993, pp. 17-21.
- MACHADO, F.L. e COSTA, A.F. da: «Processos de uma modernidade inacabada», in VIEGAS, J.M. Leite e COSTA, A.F. da (orgs.): *Portugal, que modernidade?* Oeiras, Celta Editora, 1998.
- MOREIRA, J. J. Semedo: «Ciganos na prisão: um universo diferente?», in *Temas penitenciários*, Série 2, nº 2, Lisboa, Direção-Geral dos Serviços Prisionais, 1998.
- NEVES, J. Carreira das: *As novas seitas cristãs e a Bíblia*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 1998.
- NUNES, O.: *O povo cigano*. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.
- OKELY, J.: *The traveller Gypsie*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- JORDÁN PEMÁN, F.: *Religiosidad y moralidad de los gitanos en España*. Madrid, Asociación Secretariado General Gitano, 1991.
- RIVAS, J.J.: *Historia del pueblo gitano*. Almería, Imprenta Bretona, 1990.
- RODRIGUES, D., SANTOS, A.P. e GOMES, S.: «Ser cigano evangélico: a religiosidade e o novo compromisso cultural numa comunidade cigana de Caria», in *Anais Universitários*, nº 7, 1996, Covilhã, UBI, pp. 299-311.
- SANDRI, D.: *Seitas e sociedades secretas*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1978.
- SAN ROMÁN, T.: *Vecinos gitanos*. Madrid, Akal Editor, 1976.
- SAN ROMÁN, T.: *Gitanos de Madrid y Barcelona. Ensayos sobre aculturación y etnicidad*. Barcelona, Publicaciones de Antropología Cultural, 1990.
- SAN ROMÁN, T. (org.): *Entre la marginación y el racismo. Reflexiones sobre la vida de los gitanos*. Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- SANTOS, L. Aguiar: «Protestantismo», in *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.
- SANTOS, L. Aguiar: «A pluralidade religiosa: correntes cristãs e não-cristãs no universo religioso português», in *História religiosa de Portugal*, vol. 3: «Religião e secularização (séculos XIX e XX)», Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.
- WANG, K.: «Le mouvement pentecôtiste chez les gitans espagnols», in WILLIAMS, P. (org.): *Tsiganes: identité, évolution*. Paris, Éditions Syros, 1989.
- WILSON, B.: *Sociología de las sectas religiosas*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1970.